

## As Novas Fotonovelas: Histórias ácidas e grotescas<sup>1</sup>

Nerice Rachell Esteves da Silva CARIOCA<sup>2</sup>

Daniel Paiva de MACÊDO JÚNIOR<sup>3</sup>

Naiana Rodrigues da SILVA<sup>4</sup>

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

### RESUMO

O presente artigo traz o conceito de 'novas fotonovelas', para denominar as histórias contadas a partir de várias fotos legendadas nas redes sociais da Internet. Visto que as “novas fotonovelas” foram retiradas da página 'Falsiane'<sup>5</sup>, nos embasamos no conceito de cibercultura (LE MOS; CUNHA, 2013), classificando a temática e analisando esse gênero a partir do conceito de narrativa transmídia (SOUZA, 2011). Para, então, observamos a aplicação ao nosso objeto de estudo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotonovelas; cibercultura; memes; grotesco.

### INTRODUÇÃO

As fotonovelas eram publicadas em revistas femininas e traziam, no geral, histórias românticas. Elas consistem em fotos acompanhadas de legendas que contam uma história. O estilo é considerado pelos como um subgênero literário, sendo enquadrado na má literatura em estrutura que conjuga discursos imagéticos e verbais, como revela os estudos de André Joanilho e Mariângela Joanilho. Constatam que

“A história é narrada numa sequência de quadradinhos (como a banda desenhada) e a cada quadradinho corresponde uma fotografia acompanhada por uma mensagem textual. Mais tarde a fotonovela torna-se independente do cinema e caracteriza-se pelas suas intrigas sentimentais (a heroína é quase sempre uma rapariga de origem modesta que sonha com um amor cheio de obstáculos e dificuldades mas no final consegue o seu objectivo), as personagens não demonstram um grande desenvolvimento psicológico e são sempre

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 5 – Comunicação Multimídia do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

<sup>2</sup> Graduanda em Comunicação Social – Jornalismo no Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará. Email: nericee@gmail.com

<sup>3</sup> Graduando em Comunicação Social – Jornalismo no Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará. Integrante do Grupo de Pesquisa Mídia, Cultura e Política. Email: daniel.3macedo@gmail.com

<sup>4</sup> Docente do curso de Comunicação Social – Jornalismo no Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará, atuando na área de jornalismo multimídia e convergência midiática. Email: naianarodrigues@gmail.com

<sup>5</sup> Página de humor disponível na plataforma da rede social facebook.

estereotipadas (os bons são sempre bons e os maus arrependem-se no final ou sofrem as consequências), predomina o imaginário exótico, e, mais tarde o ‘suspense’ e o sexo, os temas variam entre problemas afectivos, sociais, a procura de sucesso numa carreira, a justiça na sociedade, a ascensão social, a marginalidade, etc (JOANILHO; JOANILHO apud CEIA, 2008, p. 531-532)

Com o advento da internet, as possibilidades de comunicar ideias e construir narrativas foram redimensionadas. Nela, as redes sociais se tornaram um ambiente onde podemos ter amostras dessa diversidade, como é o caso dos memes. Para Recuero (2007, p.3) eles “propagam-se através das redes sociais na Internet, impactando-as, a partir das interações entre os indivíduos” caracterizando-se como elemento amplamente utilizado nas práticas comunicacionais ao direcionar um caráter cômico, geralmente utilizando o humor ácido, irônico.

Analisamos, neste trabalho, o caso dos memes que constituem o que chamaremos de “novas fotonovelas”, que começaram a ser compartilhados no *Facebook* desde o final de 2015, entre outubro e novembro. Essas narrativas são construídas através de fotos e as histórias geralmente tratam de desilusões amorosas ou situações em que o personagem não consegue o que deseja, mas a abordagem é sempre voltada para o risível, o grotesco.

O comum nesses casos é a figura do rebaixamento (chamada de bathos, na retórica clássica), operado por uma combinação insólita e exasperada de elementos heterogêneos, com referência frequente a deslocamentos escandalosos de sentido, situações absurdas, animalidade, partes baixas do corpo, fezes e dejetos – por isso, tida como fenômeno de desarmonia do gosto ou disgusto, como preferem estetas italianos – que atravessa as épocas e as diversas conformações culturais, suscitando um mesmo padrão de reações: riso, horror, espanto, repulsa (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 17).

As novas fotonovelas também se encaixam no estilo de narrativas transmídia, explorando novas formas de contar histórias, em novas plataformas, mas resgatando estilos tradicionais, característica da Cultura da Convergência.

Contar histórias é uma tradição tão antiga quanto a própria humanidade, feita de maneiras diferentes e para obter diversos objetivos. Sem dúvida, na atualidade, o entretenimento é o segmento que melhor explora as formas de contar histórias e, como será apresentado a seguir, sinaliza como a “antiga arte da imitação” se transforma diante da Cultura da Convergência (SOUZA, 2011, p. 48)

---

## CIBERCULTURA E CIBERESPAÇO

As novas tecnologias agregaram novos elementos à nossa cultura, que consequentemente interfere em todas as instâncias da nossa vida. Para todas as atividades que realizamos, existe um objeto fruto da tecnologia para nos ajudar, não falo aqui apenas das tecnologias da informação (computadores, celulares, televisores e afins), falo também de eletrodomésticos, automóveis e outra série de invenções que facilitaram as nossas vidas.

Os impactos da tecnologia na humanidade foram grandes, mas nos restringindo agora ao que compete à cibercultura, vamos falar do ciberespaço, disponível para o acesso através de computadores, laptops, tablets e celulares (que atualmente são minicomputadores).

A cibercultura é a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais. Vivemos já a cibercultura. Ela não é o futuro que vai chegar mas o nosso presente (*home banking*, cartões inteligentes, celulares, palms, pages, voto eletrônico, imposto de renda via rede, entre outros). Trata-se assim de escapar, seja de um determinismo técnico, seja de um determinismo social. A cibercultura representa a cultura contemporâneas sendo consequência direta da evolução da cultura técnica moderna (LEMOS, 2003)

Para Lemos (2003) é preciso evitar visões utópicas e distópicas no que concerne às novas tecnologias. Sabemos que elas facilitaram muito a vida das pessoas, mas elas são apenas mais um elemento cultural, que pode e vai ser modificado ao longo dos tempos, mas sempre de acordo com os rumos que a humanidade ditar. Não existem novas tecnologias, cibercultura e ciberespaço sem as pessoas e os usos que elas dão para essas ferramentas, seja para o bem ou para o mal.

De fato, a Internet possibilitou novas práticas comunicacionais, permitindo que pessoas que estão em continentes diferentes se comuniquem de forma instantânea, por exemplo. E, assim como cada região de um país tem seus códigos comunicacionais/culturais próprios, na rede acontece o mesmo, existe uma lógica própria no ciberespaço.

As práticas comunicacionais da cibercultura são inúmeras e algumas verdadeiramente inéditas. Dentre elas podemos elencar a utilização do e-mail que revolucionou a prática de correspondências pessoais para lazer ou trabalho, os chats com suas diversas salas onde a conversação se dá sem oralidade ou presença física, os muds, jogos tipo *role playing games* onde usuários criam mundos e os compartilham com usuários espalhados pelo mundo em tempo real, as *lans house*, nova

febre de jogos eletrônicos em redes domésticas, as listas de discussão livres e temáticas, os *weblogs*, novo fenômeno de apresentação do eu na vida cotidiana (Lemos, 2002c) onde são criados coletivos, diários pessoais e novas formas jornalísticas, sem falar nas formas tradicionais de comunicação que são ampliadas, transformadas e reconfiguradas com o advento da cibercultura a exemplo do jornalismo online, das rádios online, das TVs online, das revistas e diversos sites de informação espalhados pelo mundo (LEMOS, 2003)

A internet surgiu na década de 80, com fins militares. Era utilizada como arma de articulação das forças armadas, posteriormente as universidades passaram a utilizar a rede para compartilhar estudos e a começou a se expandir, inicialmente de forma bem discreta, pois era preciso entender de programação HTML para navegar no ciberespaço, mas a capacidade do ser humano de desenvolver novas tecnologias e tornar os processos mais fáceis, muito na perspectiva da economia de tempo, possibilitou transformar a rede no que conhecemos hoje.

Não podemos compreender a cibercultura sem uma perspectiva histórica, sem compreendermos os diversos desdobramentos sociais, históricos, econômicos, culturais, cognitivos e ecológicos da relação do homem com a técnica. A cibercultura nasce no desdobramento da relação da tecnologia com a modernidade que se caracterizou pela dominação, através do projeto racionalista-iluminista, da natureza e do outro. Se para Heidegger (Heidegger, 1954) a essência da técnica moderna estava na requisição energético-material da natureza para a livre utilização científica do mundo, a cibercultura seria uma atualização dessa requisição, centrada agora na transformação do mundo em dados binários para futura manipulação humana (simulação, interatividade, genoma humano, engenharia genética, etc.) (LEMOS, 2003)

## O GROTESCO PARA FAZER RIR

Rir de situações onde alguém se prejudica e do ridículo faz parte das ações humanas há muito tempo. Nas redes sociais, elemento agregado à cultura contemporânea, não seria diferente. Vídeos de pessoas caindo, se machucando sempre foram amplamente compartilhados na Internet, posteriormente, vieram os memes, que podem ser feitos de quadros desses vídeos ou de fotos mesmo, com alguma legenda cômica.

O risível se tornou um dos elementos centrais das redes sociais da Internet, no *Facebook* existem várias páginas nesse viés, como 'Bonecas trouxas'<sup>6</sup>, 'Diferentona'<sup>7</sup> e

<sup>6</sup> Página de humor que satiriza o confronto discursivo entre bonecas destruída e frases de auto-estima. Disponível em: [facebook.com/bonecastrouxas](https://www.facebook.com/bonecastrouxas)

<sup>7</sup> Com memes, a página de humor se dispõe do cômico através do discurso inusual de alter ao mundo que nos rodeia. Disponível em: [facebook.com/DiferentonaOficial](https://www.facebook.com/DiferentonaOficial)

'Wordart nosso de cada dia'<sup>8</sup>. Todas essas páginas falam do ridículo, do diferente e do “ser trouxa”, as pessoas compartilham as imagens fazendo brincadeiras com suas desilusões amorosas, excesso de tarefas, falta de dinheiro e outras dificuldades que enfrentam na vida. Todas as pessoas têm seus momentos ruins, então não existe receio em se expor, pois todos enfrentam situações parecidas, estão no mesmo patamar, sendo assim um mecanismo de identificação.

O grotesco revela que os bem-aventurados também se danam e que estão todos no mesmo plano, apesar dos diferentes modos de ser. É uma revelação sem ressentimento, mas ferozmente sarcástica, como se a parte considerada inferior risse da outra, presumivelmente superior. (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 26)

As novas fotonovelas, nosso objeto de estudo, compartilhadas na rede social *Facebook*, são um bom exemplo de narrativa grotesca, pois trazem exatamente esse humor ácido, que faz piada do infortúnio. No livro “O império do grotesco”, Muniz Sodré e Raquel Paiva (2002) trazem o conceito de grotesco, que se aplica ao que apresentamos aqui: o ridículo, o absurdo que se torna engraçado.

Em fins século dezessete, o dicionário de Richelet registra o adjetivo “grotesco”, definindo-o como “aquilo que tem algo de agradavelmente ridículo”, donde “homem grotesco”, “moça grotesco”, “jeito grotesco”, “rosto grotesco”, “ação grotesca”. Na mesma época, o dicionário da academia Francesa explica o grotesco como o que é “ridículo, bizarro, extravagante”. A palavra vai assim ganhando matizes novos, em geral associados ao desvio de uma norma expressiva dominante, seja referente a costumes, seja referente a convenções culturais. (SODRÉ e PAIVA, 2002, p.30)

## NARRATIVAS TRANSMÍDIA

Vamos abordar aqui o conceito de narrativa transmídia, que segundo Souza (2011), “é uma complexa forma de apresentar histórias que faz uso de diversas plataformas midiáticas”. As novas fotonovelas se caracterizam como esse tipo de narrativa porque são histórias anteriormente apresentadas em revistas, que hoje migraram para o ciberespaço, adaptando-se ao novo ambiente. “A partir de Long (2007), pode-se afirmar que a NT<sup>9</sup> é uma classe distinta de narrativa hipertextual, em função da transmídiação – passagem de uma plataforma a outra, considerada pelo autor como uma forma de hipertextualidade” (Souza apud Long, 2011).

<sup>8</sup> Desenvolvendo ironia à estética das ferramentas textuais do WordArt, da plataforma Microsoft Office, as imagens veiculadas se tornam virais. Disponível em: [facebook.com/wordartnossodecadadia](https://www.facebook.com/wordartnossodecadadia)

<sup>9</sup> Narrativa Transmídia (NT)

O hipertexto torna a narrativa fragmentada e dispersa. Leão (2001) explica que texto na escrita hipertextual é fragmentado, pois não se tem uma percepção física e espacial que ajude o leitor a ter uma imagem da totalidade do texto, assim como em um livro. A dispersão pode ser notada pela forma como se configura a narrativa hipertextual, com unidades informativas localizadas em diferentes espaços (SOUZA apud LEÃO, 2011, p. 59)

A fragmentação e dispersão na hipertextualidade são reais e propícias. Nas novas fotonovelas são lineares – ou seja, possuem começo, meio e fim; e para compreender a história é preciso ler até o final – cada foto que constrói a narrativa é também um meme, portanto é possível usá-las separadamente, compartilhando apenas uma cena da história. Ganhando assim um novo sentido, o conteúdo é ressignificado. Isso é bastante comum na rede, constantemente os internautas se apropriam de algo e transformam em coisas totalmente diferentes, como constata Lemos (2003). Destacando Leis de Reconfiguração, o autor propõe que as pautas, cenários e modelos de sociabilidade se alteram a partir dos dispositivos; assim, com a popularização da internet e modelos das redes sociais, tal qual o facebook, a leiturabilidade das narrativas está permeada da possibilidade de interação e reinvenção a partir da interação.

É interessante perceber que não foi uma simples migração das fotonovelas das revistas para a plataforma online. No caso das novas fotonovelas, o processo que deu origem a essas narrativas, foram os memes, que já traziam fotos com legenda ou não, que narravam uma situação grotesca. Essa nova narrativa construída a partir de vários memes, é que chamamos de fotonovelas.

Souza (2011) explica que a narrativa transmídia é uma forma complexa de contar histórias, afinal, tem influência de outros formatos narrativos, mas não se restringe a narrativa. Sendo assim, podemos dizer que as novas fotonovelas são narrativas que sofreram influências dos memes e das fotonovelas convencionais, mas que possuem características muito específicas, pois trata-se de uma nova configuração. Para compreender esse novo modelo de narrativa, é preciso estar imerso no ambiente das redessociais, lugar onde circula

## **NOVAS FOTONOVELAS**

Ao classificarmos as novas fotonovelas segundo as teorias da cibercultura, é possível explorar e compreender o formato. Trata-se de um modal essencialmente

compartilhado na rede social *Facebook*, pois oferece um ambiente propício para a divulgação, visto que o site oferece a ferramenta de criação de álbuns, e esse tipo de narrativa é composto por várias fotos, precisando ser agrupadas em um mesmo lugar.

Neste trabalho, adotamos duas amostras de narrativas retiradas da página do *Facebook* “Falsiane”. A página é popular na rede social, tem mais de 2.800.000 curtidas e compartilha conteúdos de temas variados, geralmente com fotos e de cunho humorístico.

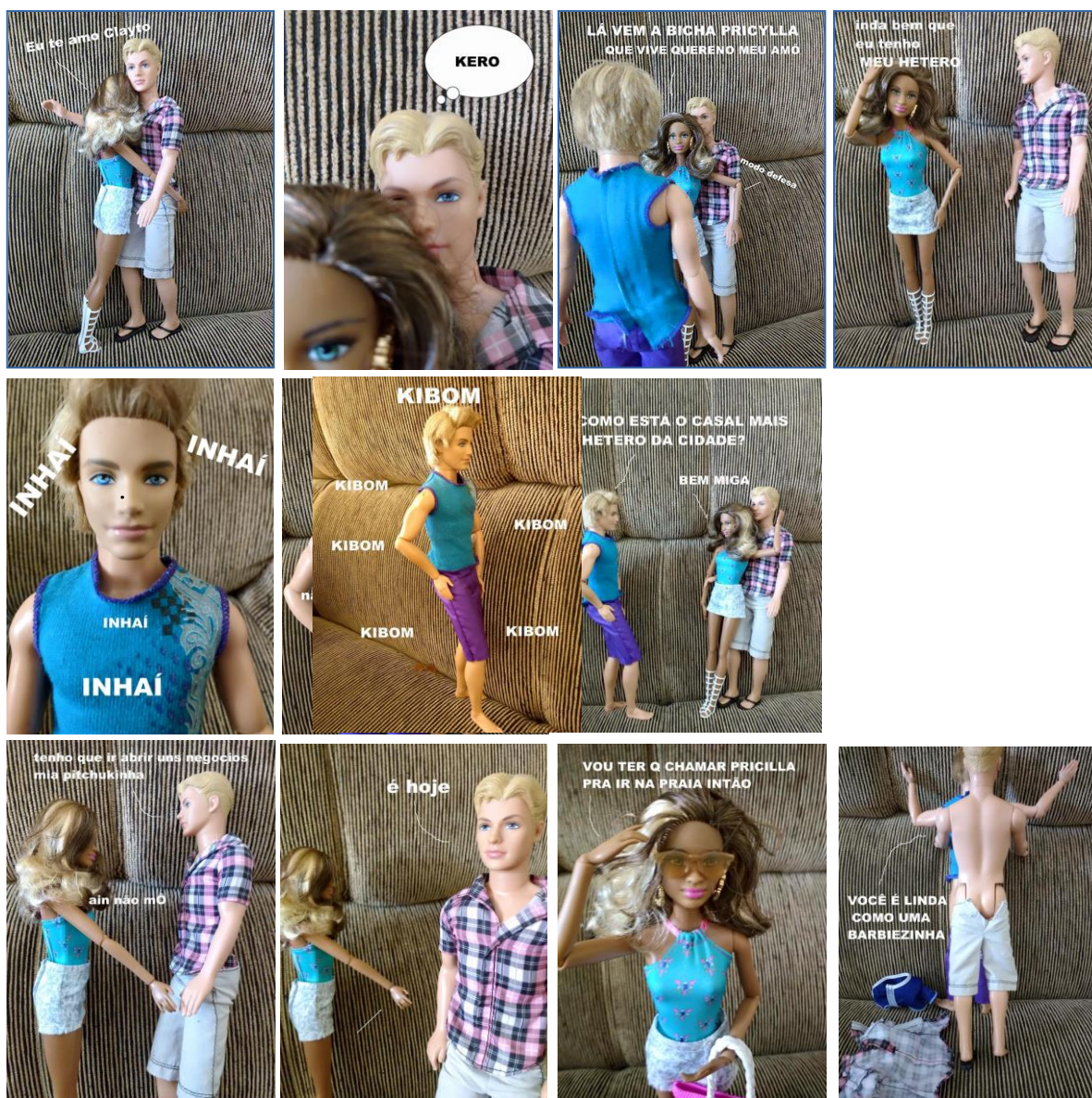


Figura 1: Primeira sequência da primeira nova fotonovela em estudo  
Fonte: Página Falsiane/2016



Figura 2: Segunda sequência da primeira nova fotonovela em estudo  
Fonte: Página Falsiane/2016

Na primeira, a narrativa é tecida a partir da traição de Clayto com um amigo chamado Pricylla ao relacionamento com a garota que não é nomeada na história. A



trama envolve questões sobre orientação sexual em tom de piada principiado na crença da garota em que eu companheiro, Clayto, se identificava enquanto heterossexual; mas ele acabou ficando com o amigo dela, que se identifica como gay.

Podemos encontrar características de narrativas grotescas em dois momentos: no primeiro, quando a namorada flagra o companheiro e o amigo juntos, causando uma espécie de catástrofe na narrativa; em segundo, nas referências às partes baixas do corpo, na cena de sexo entre os dois rapazes.

A trajetória é composta por frases curtas nas fotos que, na maior parte das vezes, assumem a fala dos personagens; em determinados momentos, as sentenças ficam soltas, sem conexão com a imagem-legenda que a antecede e sucede. No final, por exemplo, lidamos com este paradigma pois não existe, de fato, um desfecho.



Figura 3: Primeira sequência da segunda nova fotonovela em estudo  
Fonte: Página Falsiane/2016

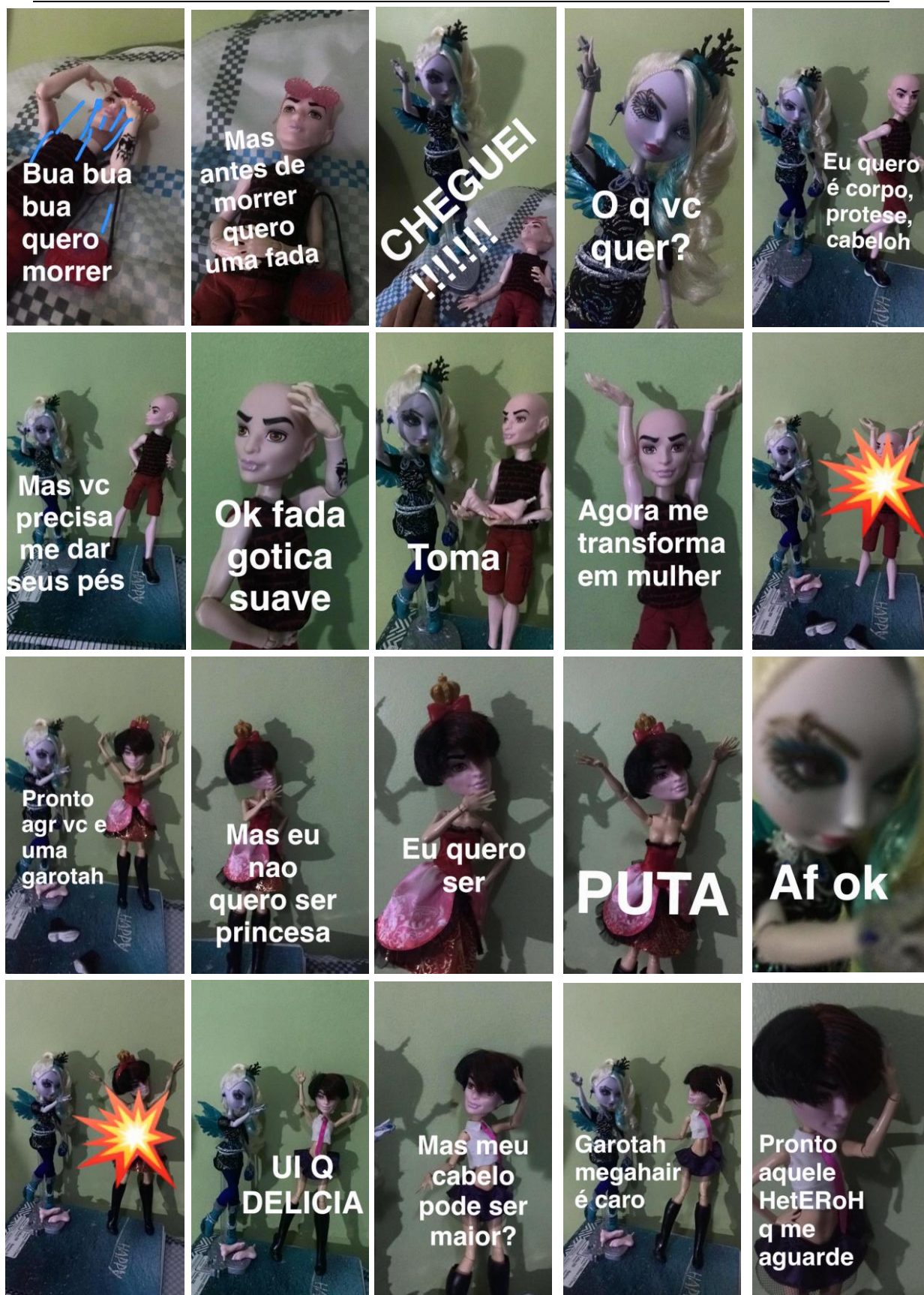


Figura 4: Segunda sequência da segunda nova fotonovela em estudo

Fonte: Página Falsiane/2016



Figura 5: Terceira sequência da segunda nova fotonovela em estudo  
Fonte: Página Falsiane/2016

Já na segunda nova fotonovela em estudo, a narrativa se dá a partir de Afonso, um rapaz gay que vai à festa em busca de um garoto para relacionar-se, mas é rejeitado por um homem heterossexual. Por causa da decepção, Afonso decide que quer ser uma mulher e uma fada realiza o desejo. O caráter fantástico da história, conferido pelo personagem místico representado pela fada, torna a narrativa grotesca. Além disso, vale considerar a deformação do corpo, quando Afonso troca seus pés pela realização dos desejos.

## DO FORMATO AO GÊNERO DAS NOVAS FOTONOVelas

Segundo observação, concluímos que são características essenciais das novas fotonovelas: a não-existência de limite de fotos por narrativa; as legendas que contam a história são escritas nas fotos, funcionando como sujeito narrador; os personagens são bonecos de uso infantil; o conteúdo figura-se humorístico, grotesco; as histórias não possuem títulos; e as legendas compostas por frases curtas.

---

Para entender esse tipo de narrativa, é preciso ser membro do ciberespaço, pois utiliza uma linguagem específica desse ambiente. Nas redes sociais é comum o uso de abreviações, o uso do infinitivo sem o “r” final e o uso de palavras e expressões estrangeiras está presente nas novas fotonovelas. Algumas também fazem referência à memes famosos e personalidades da internet.

Podemos compreender a cibercultura como a forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônica que surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática na década de 70 (LEMOS, 2003)

A fotonovela, sendo considerada um gênero menor, é por consequência tida como acessível às massas, mas isso se aplica somente ao estilo tradicional, pois a linguagem das novas fotonovelas é a mesma do espaço em que circula, o ciberespaço, que não é de fácil compreensão para pessoas que não têm acesso à rede ou são novos usuários.

é um produto de massa, com grande público leitor, e é incapaz de apresentar algo que literariamente possa ser considerado digno de uma avaliação. Não que haja erro nas avaliações ou que se devota desprezo a esse tipo de folhetim por má vontade. Realmente as histórias são açucaradas e quase monotemáticas, porém, o lugar reservado para elas no *ranking* das produções literárias é o das obras indignas. Elas existem, mas ninguém deve lê-las (JOANILHO; JOANILHO, 2008, p. 532)

A narrativa grotesca das novas fotonovelas, segue um padrão já existente nas redes sociais da Internet. O humor ácido e a ironia são muito fortes no ciberespaço. As narrativas analisadas tratam da desilusão amorosa de forma risível, mas também abordam outros temas, como a homossexualidade e o fantástico, que também se encaixa no grotesco.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que as novas fotonovelas se encaixam no conceito de narrativa transmídia, mesmo não possuindo todas as características que uma obra como *Matrix*, grande exemplo desse tipo de narrativa.

Classificamos as histórias contadas através de um conjunto de memes como novas fotonovelas, pois seguem a mesma lógica das fotonovelas publicadas nas revistas femininas da década de 1950: uma sequência de fotos legendadas que contam uma história. Mas por se tratar de um novo formato, tem suas características próprias, criadas de acordo com a plataforma onde circula e a partir das influências que teve, que nesse caso, são principalmente os memes.

A linguagem utilizada, própria do ciberespaço, tira as novas fotonovelas do patamar de cultura de massas, pois o acesso à Internet não é massivo e as práticas comunicacionais utilizadas na rede não são acessíveis para quem não está inserido ou acabou de se inserir na cultura cibernética. A internet está cada vez mais acessível à população, mas ainda é um serviço muito caro, nem todas as pessoas podem pagar por ele, ainda não é um meio de comunicação de massa, como a televisão.

O conteúdo humorístico, que faz piada com o sofrimento, confere o caráter grotesco a esse tipo de produção. Característica que está presente não só nas fotonovelas, mas em grande parte do que é publicado nas redes sociais da Internet, pois o ciberespaço contém muitas características do mundo offline, e nesse mundo o humor ácido já circula há séculos, como Muniz Sodré e Raquel Paiva apresentam no livro “O império do grotesco”.

## REFERÊNCIAS

JOANILHO, André Luiz; JOANILHO, Mariângela Peccioli Galli. **Sombras literárias: a fotonovela e a produção cultural**. Publicado na Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 28/nº 56, p. 529-548. 2008.

LEMOS, André; CUNHA, Paulo. (orgs), **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

RECUECO, Raquel. **Memes em weblogs: Uma proposta de taxonomia**. XV Encontro da Compós. São Paulo: Ed.USP, 2007.

SODRÉ, Muniz, PAIVA, Raquel. **O império do Grotesco**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.

SOUZA, Maurício Dias de. **Jornalismo e cultura da convergência: a narrativa transmídia na cobertura do Cablegate nos sites El País e Guardian**. Março de 2011. 252f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Santa Maria. Santa Maria, 2011.